

## DISTRIBUIÇÃO

**JM acelera expansão do Pingo Doce**

A Jerónimo Martins pretende abrir 25 novas lojas Pingo Doce este ano e remodelar outras 25, um plano de expansão mais agressivo do que o anunciado anteriormente e que poderá ter impacto nos lucros da empresa, “em particular nos primeiros meses do ano”. As receitas deverão crescer a dois dígitos - cresceram 15% em 2006 - e os lucros a uma taxa inferior. A Jerónimo Martins tem previstos investimentos de 300 milhões de euros este ano.

## AVIAÇÃO

**Gol perto de comprar Varig**

A companhia aérea brasileira Gol está próxima de chegar a um acordo para adquirir a Varig, avança a edição de ontem do “O Estado de São Paulo”, que cita fontes próximas do processo. A transacção será feita através da Aguiá, companhia detida pela família Constantino, que também controla a Gol, refere o jornal brasileiro. “O Estado de São Paulo” acrescenta que a Gol está a negociar a compra com o fundo de “private equity” MatlinPatterson.

## AUTOMÓVEL

**Porsche oficializa OPA sobre VW**

A Porsche apresentou ao regulador do mercado alemão a formalização da sua OPA sobre a Volkswagen. A contrapartida avalia a fabricante automóvel em 35,8 mil milhões de euros. De acordo com o prospecto da oferta, citado pela Bloomberg, a OPA sobre a VW é em dinheiro e a Porsche oferece 65,45 euros por cada acção preferencial da Volkswagen e 100,92 euros por cada título ordinário.

## ESCLARECIMENTO

No passado dia 27 de Março, o Jornal de Negócios referiu, no âmbito do trabalho “2006 foi ano ‘horribilis’ para a construção”, que a Mota-Engil tinha uma obra de 45 milhões parada em Angola. A Mota-Engil esclareceu que a obra não está parada e que está dentro dos calendários normais, e que as alterações propostas pelo governo angolano à empreitada são normais.

## TELECOMUNICAÇÕES

**Oni quer lucros no próximo ano e abdica de aposta residencial**

Empresa quer reduzir o quadro a 250 empregados

Filipe Paiva Cardoso

filipecardoso@mediafin.pt

A Oni assumiu oficialmente ter desistido de captar clientes do segmento residencial e irá agora direccionar todo o seu investimento - sensivelmente 17 milhões - para o segmento empresarial. A nova estratégia da empresa foi ontem apresentada por Xavier Martin, CEO da Oni desde Fevereiro último, que como principais directrizes aposta no foco no “corporate”, na entrada no mercado da Administração Pública - onde a Oni tem actualmente 3% de quota -, nas comunicações móveis e em parcerias em todos aqueles serviços diferenciadores, não críticos, que outras empresas disponham.

O objectivo delineado para a “nova” Oni - que inclusivamente mudou de designação para Oni Communications - passa por resultados positivos já no próximo ano e por ter a empresa pronta a ser cotada em bolsa em 2009 (ver caixa). “Queremos demonstrar que os operadores alternativos podem ser rentáveis e sustentáveis”, disse Xavier Martin à imprensa.

No ano passado, as receitas da Oni permaneceram quase inalteradas - 167 milhões contra 165 milhões em 2005 - e 80% destas foram geradas pelo negócio empresarial, razão pela qual a operadora quer agora dedicar-se a 100% a este segmento. Mas não sem “desistir” dos seus 100 mil clientes residenciais. “Vamos continuar a ‘tomar conta’ da base de clientes, apenas não vamos continuar com o esforço comercial para o residencial”, afirmou o responsável. O objectivo é poupar ao nível de custos de captação, já que o “break even” dos clientes residen-



Xavier Martin | Mandato do novo CEO da Oni estipula como objectivo tornar a empresa economicamente sustentável.

**Nova estratégia para preparar entrada na bolsa em 2009**

➔ A nova administração da Oni acredita que o tempo agora é de segmentação e diferenciação, e que cada operador de telecomunicações em Portugal “tem que apostar naquilo que faz bem e não em tudo ao mesmo tempo”. Daí a “viragem” da empresa para o segmento empresarial, onde conta com 12 mil clientes, três mil dos quais “corporate”. Xavier Martin, CEO da Oni, tem a duração do seu mandato para preparar a empresa a entrar na bolsa, sendo que irá apostar na “liberalização” do mercado das comunicações na Administração Pública - que avalia em 250 milhões de euros - e num modelo de negócio baseado em parcerias para melhor o conseguir. Além disso, há outros pontos na estratégia, de âmbito regulatório, que a Oni espera ver alteradas para melhor conseguir provar que os operadores alternativos podem ser sustentáveis. Para Xavier Martin, é essencial que haja a separação dos negócios grossista e retalhista na Portugal Telecom e também que exista “bilateralidade de concorrência” entre o segmento fixo e o segmento móvel. “Hoje os móveis estão no fixo à vontade, e nós queremos ferramentas que nos permitam também estar no móvel”, adiantou. **FPC**

ciais “demora três a quatro anos”.

Sobre uma eventual venda do negócio residencial, Xavier Martin revelou que a Oni “já recebeu manifestações de interesse” mas que até ao momento não houve nenhuma proposta concreta, que, a surgir, será “analisada e avaliada”.

Com o desinvestimento no residencial, a Oni Communications vai “libertar” cerca de cem trabalhadores. “Entre 50/60 através de um processo de despedimento colectivo e outros tantos através de rescisões”, adiantou Xavier Martin. O encargo anual médio que a empresa tem actualmente com os trabalhadores dispensados é de 40 mil euros. A Oni irá ficar com um quadro de cerca de 250 empregados.

## BANCA

**CMVM interrompe prazo para registar a OPA do BCP sobre o Banco BPI**

Pedro Carvalho pc@mediafin.pt

André Veríssimo

averissimo@mediafin.pt

A Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) interrompeu o prazo legal para o registo da oferta pública de aquisição (OPA) sobre o Banco BPI. Fonte oficial da entidade disse ao Jornal de Negócios que a CMVM solicitou ao Banco Comercial Português (BCP) esclarecimentos adicionais sobre o projecto do prospecto, o que provocou a interrupção do prazo para aprovar o registo. O banco já prestou os esclarecimentos e estes já foram aceites pelo regulador. No entanto, estes

esclarecimentos voltaram a colocar o relógio da OPA na estaca zero e a CMVM tem agora novamente um prazo de oito dias corridos para proceder ao registo daquela que é a maior OPA do sistema bancário

**2,65 €**  
Valor das acções

Os títulos do BCP terminaram a sessão em queda de 1,49%.

português. Fonte oficial da CMVM acrescentou, em declarações ao Jornal de Negócios, que “é intenção do regulador apreciar o pedido de registo o mais rapidamente possível”, mas que, dificilmente, uma decisão será tomada no decorrer desta semana.

A instituição liderada por Paulo Teixeira Pinto entregou na passada sexta-feira a actualização do pedido de registo da OPA. Depois de conseguir a luz verde do supervisor, a OPA vai finalmente para o mercado. No documento, o banco reiterou que vai pagar, em dinheiro, 5,70 euros por cada acção que ainda não detém do BPI. Este valor é igual ao

anunciado em Março de 2006, quando o BCP fez o anúncio preliminar da oferta que já foi considerada hostil pela administração do banco alvo, liderada por Fernando Ulrich. O BCP, no pedido de registo, introduziu uma “nuance” ao valor da contrapartida. Diz que haverá lugar ao pagamento de uma contrapartida adicional no caso de, até à liquidação da oferta, “não terem sido pagos aos respectivos destinatários dividendos relativos ao exercício de 2006 e o respectivo direito ser adquirido pelos oferentes com a aquisição das acções, sendo, neste caso, a contrapartida adicional no montante de 0,16 euros por acção”.